

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS –
UFAL CAMPUS A. C. SIMÕES
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES –
ICHCA CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

DANIELE DOS SANTOS RODRIGUES

**O MOVIMENTO DOS IRMÃOS DE PLYMOUTH NO SÉCULO XIX: O RESGATE
DOCTRINÁRIO E SUAS IMPLICAÇÕES**

Maceió-AL

2023

DANIELE DOS SANTOS RODRIGUES

**O MOVIMENTO DOS IRMÃOS DE PLYMOUTH NO SÉCULO XIX: O RESGATE
DOCTRINÁRIO E SUAS IMPLICAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado ao Curso de História - Licenciatura
da Universidade Federal de Alagoas, como
requisito parcial para a obtenção do Grau de
Licenciada em História.

Oriendadora: Prof^a. Dr^a. Irineia Maria Franco dos
Santos.

**Maceió-AL
2023**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

R.696m Rodrigues, Daniele dos Santos.

O movimento dos irmãos de Plymouth no século XIX : o resgate doutrinário e suas implicações / Daniele dos Santos Rodrigues. – 2023.
45 f. : il. color.

Orientadora: Irineia Maria Franco dos Santos.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História: Licenciatura)
– Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 44-45.

1. Cristianismo. 2. Teologia do pacto. 3. Dispensacionalismo. I. Título.

CDU: 23/28

Folha de Aprovação

DANIELE DOS SANTOS RODRIGUES

O MOVIMENTO DOS IRMÃOS DE PLYMOUTH NO SÉCULO XIX: O RESGATE DOUtrinário e suas implicações

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado ao Curso de História - Licenciatura
da Universidade Federal de Alagoas.

Banca Examinadora:

Orientadora: Dra. Irineia Maria Franco dos Santos, Professora adjunta da
Universidade Federal de Alagoas.

Prof. (a) : 1º Examinador: Jadson Ramos de Queiroz

Prof. (a) : 2º Examinador: César Leandro Santos Gomes

AGRADECIMENTOS

A minha mãe que está no céu eu devo toda a minha gratidão, meu irmão que acompanhou todo o processo, além do meu esposo, filha e amigos que fazem parte da minha vida e que acompanhou todo o meu esforço.

Aos meus colegas de classe que muito me ajudaram ao longo de todos os anos na universidade.

Aos professores que contribuíram significativamente para o meu aprendizado e, principalmente a Deus que me ajudou em todo tempo.

RESUMO

A presente pesquisa tem como **principal objetivo** analisar as implicações das doutrinas cristãs resgatadas pelos irmãos de Plymouth em contraste com a Teologia do Pacto. Um **segundo objetivo** é entender como se deu as diferentes interpretações, além de analisar os impactos causados por elas. Nesse contexto, o trabalho apresenta uma visão geral do diálogo doutrinário, bem como as abordagens desenvolvidas pelos principais autores da área. O **problema da pesquisa** consiste em entender como as doutrinas do cristianismo intervêm na vida sócio-política dos cristãos. O **resultado** desse trabalho encontra-se no quarto capítulo, indicando que ainda há muitas divergências entre os cristãos, no que tange às interpretações bíblicas e que, nesse sentido, entender a complexidade das intervenções doutrinárias na vida cristã, pode ser um ponto de partida para uma **convivência construtiva**.

Palavras-chave: Cristianismo; Dispensacionalismo; Teologia do Pacto-político.

ABSTRACT

The main aim of this research is to analyze the implications of the Christian doctrines rescued by the Plymouth Brethren in contrast to Covenant Theology. A second objective is to understand how the different interpretations came about, as well as to analyze the impacts caused by them. In this context, the paper presents an overview of the doctrinal dialog, as well as the approaches developed by the main authors in the field. The research problem consists of understanding how the doctrines of Christianity intervene in the socio-political life of Christians. The result of this work can be found in the fourth chapter, indicating that there are still many disagreements among Christians regarding biblical interpretations and that, in this sense, understanding the complexity of doctrinal interventions in Christian life can be a starting point for constructive coexistence.

Keywords: Christianity; Dispensationalism; Covenant Theology- politics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Teologia do Pacto ou Dispensacionalismo nas igrejas da cristandade	26
Figura 2 – As dispensações em diferentes eras	27

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO	8
2-PERSPECTIVA CRISTÃ	10
2.1-A formação da Igreja	12
2.2-Controvérsia e Dissidência	14
2.3-Rumo a Jerusalém	16
3-A ORIGEM DOS IRMÃOS DE PLYMOUTH	22
3.1-Dispensacionalismo e Teologia do Pacto	25
4-IMPLICAÇÕES DOCTRINÁRIAS E PRÁTICAS	33
4.1-Os grupos cristãos	35
4.1.1-Dublin	35
4.1.2-Na Rússia	36
4.1.3-O grupo de Bristol	36
4.1.4-O grupo de Plymouth	36
4.1.5-O grupo na Alemanha	36
4.1.6-Chegada ao Brasil	37
4.2-Resultados	38
4.3-Discussões	38
5-CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como foco principal mostrar a influência das doutrinas dispensacionais a partir do Movimento dos irmãos de Plymouth no século XIX. Esse movimento buscou principalmente a partir de muitos estudos, o resgate das doutrinas dos primeiros cristãos convertidos em Jerusalém, após a ressurreição de Cristo.

O movimento começou com alguns jovens religiosos de diferentes denominações em Dublin (Irlanda), insatisfeitos com a conduta da Igreja reformada na Irlanda. Os diversos homens passaram a se reunir mensalmente para estudos bíblicos. Inicialmente o propósito das reuniões estava centrado nos estudos e orações, mas muitos cristãos dissidentes (metodistas, batistas) começaram a questionar o pagamento do dízimo para sustento dos clérigos, algo que inflamou os ânimos entre eles. Além disso, um dos principais motivos de debates entre eles foi à completa rejeição ao clericalismo e, que provavelmente tenha sido o estopim para a criação do movimento.

Plymouth foi um dos lugares marcado pela intensificação das assembleias e pela assiduidade de John Nelson Darby (1800-1880). Nesse sentido, pela notoriedade da igreja na região, os cristãos ficaram conhecidos como “Irmãos de Plymouth” (Guimarães, 2023). Esses cristãos foram responsáveis por resgatarem doutrinas que confrontavam as tradições da época, por essa razão, muitos religiosos foram acusados de quebrar a tradição e passaram a ser considerados hereges. Tal movimento impactou tanto no protestantismo quanto no catolicismo romano. Inclusive, essas doutrinas trouxeram implicações teológicas e sociais que reverberam ainda na contemporaneidade. Além disso, as doutrinas da Teologia do Pacto e o Dispensacionalismo causaram divergências e dissidências entre seus adeptos. A problemática se insere não só nesse quesito, mas nas consequências no que concerne a vida sócio-política do cristão.

Visando abordar a problemática a partir da influência doutrinária no âmbito social-político, essa pesquisa parte de dois questionamentos: A influência da cristandade na política é resultado de um erro doutrinário? Por que existem tantas dissidências no cristianismo? Esse trabalho justifica-se por mostrar a importância de conhecer as principais doutrinas do cristianismo e os impactos dessas correntes teológicas no âmbito social, pois apesar de serem problemas de cunho interno das igrejas, a polêmica vai além dos muros dos templos, ganhando força na vida social entre os adeptos e os não adeptos. Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa é analisar as implicações doutrinárias do Movimento dos Irmãos de Plymouth

que teve seu início aproximadamente em 1825. De forma mais específica buscou-se entender os principais conceitos doutrinários, como se deu a formação da Igreja enquanto “ajuntamento”, além de analisar os impactos causados pelas doutrinas, resultantes de constantes debates entre a cristandade.

A metodologia utilizada compreende uma pesquisa bibliográfica. E para tentar alcançar os objetivos propostos e melhor apreciação deste trabalho, foi utilizada uma abordagem qualitativa. Com o intuito de conhecer a problemática sobre a área de estudo foi realizada uma pesquisa exploratória.

2 PERSPECTIVA CRISTÃ

O cristianismo é a religião que se baseia, principalmente, nos ensinamentos de Cristo¹. Para muitos cristãos é uma religião em que a fé envolve a crença em Jesus como o Filho de Deus e o Salvador da humanidade. Para Lisbôa (2020, p. 52), o Cristianismo é uma religião de redenção, onde é possível se arrepender dos pecados e receber perdão, além do direito divino de morar no céu. Nesse sentido, ela afirma que a ideia de salvação começou a ser desenhada no Jardim do Éden com Adão e se conclui com Jesus, na morte violenta de cruz e sua ressurreição.

Segundo Blainey (2012, p. 4), muitos historiadores questionaram a existência do Jesus histórico, no entanto, para muitos cristãos ele sempre existiu. A crença parte das passagens do livro de S. João, pois o mesmo faz referência a Jesus quando cita que o Verbo estava com Deus e o Verbo se fez carne (João 1:1-5).

A partir da ótica cristã, principalmente dos mais conservadores, o cristianismo vai muito além de praticar boas obras e amar o próximo. Os mais fervorosos acreditam que Cristo é o filho de Deus encarnado que veio à terra para salvar pecadores. Para eles, a salvação é o ponto de partida para uma nova vida espiritual. Além disso, só existe um único “caminho” a ser seguido, enquanto que para os não cristãos ela pode ter diferentes significados. Alguns podem ver o cristianismo como uma religião com suas próprias crenças e práticas, mas quando se alinham com suas próprias convicções religiosas.

A partir da perspectiva historiográfica, trazida por Furlani (2016)², ele afirma que falar de Jesus não é o mesmo que falar de religião, porque segundo ele, mesmo que as duas coisas estejam ligadas, ambas podem ser enxergadas de diferentes maneiras, pois a partir da historiografia é possível mostrar que Jesus pode ser estudado como um personagem histórico (Chevitarese, Funari apud Furlani, 2016, p. 1). Ao analisar a obra dos autores citados, Furlani explica que na metade do século XX o ceticismo prevaleceu sobre a possibilidade de estudar a figura de Jesus por uma perspectiva histórica. Segundo ele, especialistas, como Albert Schweitzer, considerou que a mesma deveria ser deixada de lado.

¹ João Carlos Furlani afirma que no livro: Jesus histórico: uma brevíssima introdução, Jesus recebeu o nome de Jesus Cristo, somente após a sua morte.

² FURLANI, João Carlos. Um Jesus histórico é possível? Abordagens e aspectos teórico-metodológicos de pesquisa. Vitória, ES. 2016.

“O que, para alguns cristãos, foi um alívio, uma vez que bastava que Jesus tivesse nascido de uma virgem, vivido sem pecado, morrido para remir os pecados da humanidade e ressuscitado três dias depois” (Chevitarese, Funari apud, Furlani 2012, p. 49).

Com efeito, muito se discute a importância que Jesus tem em toda história do Cristianismo. Blainey ressalta que, de todas as pessoas conhecidas, vivas ou mortas, Jesus é o mais influente. O autor menciona que muitos teóricos que hoje anseiam por um mundo menos religioso, acabam usando argumentos semelhantes aos críticos do passado.

Alguns vão além, afirmando que Cristo não existiu. Estranhamente, os escritores antigos, com raras exceções, não duvidavam da existência de Jesus. As discussões giravam em torno da origem dele, se era humana, divina ou humana e divina ao mesmo tempo (BLAINEY, 2012, p. 36).

Segundo Blainey (2012, p. 13), “Jesus era judeu, em raça, cultura e religião. O termo ‘judeu’ vem de ‘Judá’, território que ocupava metade da estreita faixa de terra à margem do Mar Mediterrâneo, conhecida como Palestina”. Seus ancestrais eram conhecidos como hebreus, cujo significado é "povo que atravessou", eles eram viajantes. Os judeus onde estivessem consideravam Jerusalém a Terra Santa. Além disso, o autor explica que depois de ser capturado pelo rei Davi e entregue aos hebreus, tornou-se o local do Grande Templo e a construção acabou se transformando no centro da religião judaica.

No Grande Templo de Jerusalém eram realizadas orações e sacrifícios a Deus, os textos sagrados eram recitados em voz alta pelo Sumo Sacerdote e seus auxiliares. Os judeus acreditavam em um só Deus, o lugar era considerado sagrado e foi lá que ocorreram os eventos que resultaram na morte de Jesus (BLAINEY, 2012, p. 13).

Conforme o autor citado acima, Jesus foi um líder político e religioso, no entanto, suas pregações demonstrava uma perspectiva vindoura e nada tinha a ver com aquele momento político, pois de acordo com relatos bíblicos Jesus viria com a missão de salvar o seu povo dos seus pecados, cumprindo as profecias do Velho Testamento (Mt 1:21) no qual era o tão esperado rei dos judeus, (Mt 2:2), entretanto, o que se percebia claramente é que tanto as autoridades judaicas quanto romanas o viam como um perigo para seu prestígio ou sua autoridade, além de uma possível ameaça à governabilidade.

Logo após a morte de Jesus, para os primeiros cristãos, a palavra falada foi de suma importância. Muitos anos após sua morte, praticamente todos os ensinamentos deixados por ele foram transmitidos através da oralidade por aqueles que o haviam seguido. Após a morte dos apóstolos, muitos cristãos que ouviram o evangelho de Jesus passaram a se reunirem em

assembleias. Além disso, tornou-se importantíssimo o registro por escrito dos seus ensinamentos e da sua história. Por volta de 150, Justino, um estudioso renomado, descreveu os encontros: "No domingo, todos que viviam na cidade ou no campo se reuniam no mesmo lugar, para ouvir as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas, que eram lidos por longas horas". (BLAINEY, 2012, p. 34).

Segundo Lisbôa (2020, p. 40), o Cristianismo foi a segunda religião monoteísta a surgir a partir dos descendentes de Abraão. Em sua tese, ela afirma que os cristãos nada mais eram que um grupo de judeus que tinham a convicção de que Jesus era o Messias prometido, uma ideia rejeitada por muitos judeus da época. Diante disso, ela explica que "[...] nos primeiros anos, os cristãos se consideravam como judeus e acreditavam que Jesus simbolizava uma nova aliança".

A autora da tese cita Malclom Guite para embasar a ideia de que o Cristianismo é uma continuação do Judaísmo e que o Novo Testamento é a continuação do Antigo. Nesse sentido, observa-se que há uma interpretação visando uma aliança permanente.

Nos dois primeiros séculos de existência do cristianismo, começaram a surgir conflitos religiosos, principalmente das religiões mais antigas. No entanto, o que se questionava era sobre as verdades trazidas por Cristo durante sua vida, no que o autor comenta:

Os romanos questionavam o seguinte: se o cristianismo continha uma verdade vital, por que essa verdade não foi descoberta pelos grandes homens do passado? Para vencer esse preconceito, os cristãos enfatizaram sua ligação com a religião judaica, muito mais antiga. (BLAINEY, 2012, p. 35).

2.1 A FORMAÇÃO DA IGREJA

O conceito de igreja enquanto "ajuntamento" sempre foi um motivo de debate entre cristãos protestantes, no entanto, tal divergência indica que muitos religiosos desconhecem o conceito, provavelmente por não ter uma crença definida ou por haver erros doutrinários. Embora o assunto ainda seja discutido, o conceito sem dúvida não é algo novo, pois a definição de Igreja enquanto ajuntamento de cristãos veio a partir da comunhão entre os primeiros cristãos. E, nesse sentido, começava a ser estabelecida ali uma unidade, mas segundo G.H. Hayhoe, a formação da Igreja ocorreu no dia de Pentecostes, ou seja, o conceito de unidade, "um só corpo". E sobre esse início, em seus escritos ele explica:

O livro de Atos nos mostra, historicamente, o início da igreja (a assembleia). A igreja de Deus foi formada em Jerusalém no dia de Pentecostes e à medida que avançamos no livro podemos seguir com grande interesse a energia do Espírito de Deus reunindo de entre os judeus, samaritanos e gentios, um povo para Seu Nome (At 15:14). Como as assembleias foram formadas pelo Senhor, acrescentando Ele diariamente aqueles que se haviam de salvar (At 2:47), notamos o cuidado que Deus estava tendo para manter uma unidade entre eles. Há UM só corpo (Ef 4:4). (Hayhoe, 2015, p.1).

Bruce Anstey (2017, p.12) explica que a Dispensação do Mistério (que é a dispensação da Graça, ou seja, a ideia de que todos os cristãos são “um só corpo”, ou seja, Igreja) começou e terminará com "uma Pessoa divina vinda do céu. No início ‘veio do céu um som, como de um vento veemente... e todos foram cheios do Espírito Santo’ (At 2:2-4, 33). No final ‘o mesmo Senhor descerá do céu com alarido’ (1 Ts 4:16)”. Nesse contexto, segundo o autor, o cristianismo teve um início e terá um fim com o arrebatamento da Igreja.

Já Blainey (2012. P. 41), não menciona a formação da igreja no dia de Pentecoste, mas discute sobre a conquista de novos seguidores a partir daquele movimento. Segundo ele e alguns relatos bíblicos, no dia de Pentecoste o Espírito Santo desceu sobre aquelas pessoas que estavam reunidos em Jerusalém, um fenômeno espiritual que aconteceu e dispensou para aquelas pessoas o dom de se comunicar com outras de diferentes idiomas, o episódio foi um marco do início da Igreja. Havia povos de diferentes regiões e diferentes idiomas.

O historiador argumenta que a ação do Espírito Santo naquele momento, foi uma forma de muitos cristãos falarem do evangelho para diferentes povos com diferentes idiomas. Assim como os relatos bíblicos, o autor cita: “De repente, ‘veio do céu um som que lembrava uma forte rajada de vento’, e todos os apóstolos foram ‘tomados pelo Espírito Santo’”. Segundo seu comentário, eles começaram a transmitir claramente a mensagem cristã em línguas que até então desconheciam.

A notícia sobre o acontecimento se espalhou rapidamente e começou a atrair multidões. Muitos se converteram, quase três mil (Atos 2:41), ao todo - se arrependeram de seus pecados e foram batizados. “Foi a primeira conversão em massa da história da nova religião. A capacidade de falar um idioma desconhecido - o chamado ‘dom de línguas’ - tornou-se parte importante da tradição cristã” (BLAINEY, 2012, p.40-41).

Segundo o autor, depois da formação da igreja o número de cristão cresceu rapidamente. O evangelho era uma novidade e, além disso, era bem diferente da religião judaica. No entanto, para os líderes romanos, cujo ofício era manter a ordem no império, a expansão dos cristãos e sua capacidade de organizar-se em assembleia, acabaram despertando desconfiança. Ademais, a rejeição aos deuses romanos contribuiu para o surgimento

das perseguições. “Em 250, o imperador Décio ordenou que todos os cidadãos do império oferecessem sacrifícios em honra dos deuses. Os cristãos mais fervorosos recusaram-se, pois acreditavam que somente Deus e Cristo deviam ser adorados”. Segundo o autor, iniciaram-se assim as perseguições contra os cristãos quando comenta:

[...] Orígenes, até então possivelmente o mais importante estudioso da Bíblia, foi preso e torturado, morrendo na cidade de Tiro. Durante uma década, milhares de cristãos foram mutilados, feridos ou mortos. Então, a perseguição cessou. Mas seria retomada. (BLAINEY, 2012, p.43).

Depois de muitas perseguições e mortes de cristãos, em 312, Constantino se tornou imperador da parte Ocidental do Império Romano e, a partir de então começou a ser discutida uma política relativa às religiões. Logo após, os cristãos puderam professar sua fé publicamente, pois “[...] Foi oficialmente reconhecido que o cristianismo, por ser aberto a todas as etnias, poderia funcionar como um fator de unificação em um império multirracial”. O cristianismo, conquistando muitos seguidores, estava prestes a tornar-se a religião preferida da maioria. Nesse sentido, o autor explica:

A morte por crucificação foi abolida, em um gesto de profundo significado para os cristãos [...] O sistema de cobrança de impostos começou a favorecer as igrejas e outras propriedades cristãs. A cruz, adotada como símbolo, passou a figurar nos escudos dos soldados romanos. (BLAINEY, 2012, p.44).

Blainey conclui que o reconhecimento oficial do cristianismo, a Igreja enquanto agrupamento de pessoas com doutrinas vinda dos apóstolos transformou-se num grupo sistêmico. Diante desse novo formato, mudanças foram necessárias para harmonizar-se com o império. Tais mudanças levaram os fiéis a adotarem outras práticas, deixando de lado suas doutrinas primitivas e submetendo-se a uma nova ordem.

2.2 Controvérsia e dissidência

De acordo com muitos cristãos que se baseiam no relato bíblico de São João, Jesus é o verbo de Deus encarnado³. Partindo dessa crença, pressupõe-se de que Jesus é Deus e, é seguindo essa base que os cristãos acreditam na divindade de Jesus. Os relatos bíblicos e muitas instituições religiosas declaradas cristãs, afirmam acreditar na bíblia, e a autoconfissão

³ “Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade” (João 1:14).

de fé dos mesmos apontam para crer que Jesus é o filho unigênito de Deus, e que por Deus não ter se mostrado fisicamente o fez em seu filho, Jesus, pois “Deus nunca foi visto por alguém. O filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer” (1 Jo 1:18). As controvérsias seguiam-se acerca de sua natureza divina, “[...] Os adeptos da Igreja Ortodoxa acreditavam que Cristo e Deus eram iguais [...]”. De acordo com Blainey, Ário, um pregador egípcio, considerado herético, porque sustentava que Cristo não era igual a Deus e apesar de considerar Deus importantíssimo e único, acreditava que ambos possuíam naturezas distintas. Em 325, Constantino decidiu reunir todos os bispos e cristãos em Niceia. Embora muitos deles com opiniões divergentes, as ideias de Ário foram rejeitadas. Mesmo derrotado e sendo obrigado a partir para o exílio na Ásia Menor, ele ainda conservava muitos seguidores.

Além dos seguidores declarados, existiam muitos cristãos que concordavam com as ideias de Ário implicitamente. Ainda de acordo com o autor, as situações conflituosas de suas ideias cristãs criaram no império uma fonte de divisão. Porém as ideias conquistaram outros seguidores. No entanto, esses novos não eram exatamente o que se esperava. De acordo com o historiador (BLAINEY, 2012, P. 47-48), a heresia de Ário tornou-se uma versão ariana do cristianismo e, os godos e os vândalos passaram a simpatizar-se com essas doutrinas, além disso, elas acabaram conquistando mais seguidores bárbaro em relação a outras regiões romanas.

Norma Musco Mendes e Uiara Barros Otero (2005) entendem que a religião politeísta romana era um importante aspecto da identidade cultural, mas na sociedade o sentido religioso era bem diferente das religiões monoteístas. Elas explicam que o caráter da religião dos romanos era naturalista, terrena, ritualística e tradicionalista e que o principal objetivo era manter a harmonia entre a comunidade e os deuses, não admitindo contraposição à ordem social vigente. Nesse sentido, as autoras explicam que o pensamento politeísta por ser tão distinto, adotou uma política de tolerância no final do século IV, inclusive, “dando sinal de aceitação do cristianismo, como forma de um novo poder divino de proteção a Roma”. Nesse contexto, as autoras explicam que, a retórica grega e filosófica acabou contribuindo para a composição do discurso cristão e “privilegiou um grupo intelectuais considerados ‘idôneos’, ao colocar em prática a ciência da hermenêutica e exegese” (MENDES; OTERO, 2005, p. 4-19).

No Oriente as divergências sobre a natureza de Deus e Cristo ainda agitava os cristãos. Alexandria e Constantinopla foram cenários de constantes debates. Tempos depois da morte de Ário, as controvérsias sobre a natureza de Deus surgiram novamente, embora antes

derrotadas, suas ideias reaparecem com uma nova roupagem, o bispo Nestório, ex- monge e patriarca de Constantinopla desde 428 deu seguimento às suas ideias. Segundo Nestório, “Cristo possuía duas naturezas distintas uma divina, outra humana que coexistiam lado a lado”. Essas opiniões contradizem a visão da Igreja, segundo a qual Cristo, sendo igual a Deus, possuía apenas a natureza divina. Vinte anos depois, outro concílio se reuniu na Calcedônia e sem dar razão a nenhum dos lados, chegou-se à conclusão de que “[...] Cristo tinha duas naturezas indivisíveis e imutáveis, unidas quase milagrosamente em uma só pessoa. Tal doutrina é aceita oficialmente até hoje pelas Igrejas Católica e Ortodoxa [...]” (BLAINEY, 2012, p. 46,47).

De acordo com o autor mencionado, a divisão da igreja era, ao mesmo tempo, étnica, política e religiosa. Grande parte do Império Bizantino e algumas regiões próximas seguiam doutrina não aprovada por Constantinopla.

As dissidências decorrentes das divergências foram provavelmente mais persistentes no Egito. A insatisfação dos cristãos egípcios precedeu ao Islamismo, que diferente do Cristianismo os muçulmanos acreditavam num Deus único, mas muito elevado para ter um filho. No Alcorão Jesus é descrito como profeta, mas não tão sabido quanto Maomé, o fundador da religião Islã.

2.3 Rumo a Jerusalém

A primeira cruzada teve como principal objetivo a retomada de Jerusalém dos muçulmanos para “preparar” o lugar para o retorno de Cristo. Também, esperava-se que na quarta cruzada contra o islamismo houvesse união entre os cristãos, no entanto, “elas acentuaram a cisão religiosa entre cristãos católicos e ortodoxos. Além disso, intensificaram a rivalidade comercial entre as repúblicas cristãs de Gênova e Veneza, enfraquecendo seus laços católicos”. (BLAINEY, 2012, P. 95)

Presume-se que a igreja de Roma iniciou as expedições para conquistar a Terra Santa com base numa interpretação equivocada das Escrituras. A ideia de cristianizar o mundo pressupõe uma tentativa de domínio mundial. As conquistas evidenciaram não só a expansão da força de Roma, elas evidenciaram, principalmente, uma transformação do cristianismo.

Jean Flori (2009, p. 16) considerou a cruzada como um lento processo de uma verdadeira revolução doutrinária que, estendeu-se por vários séculos, conduzindo a Igreja antes não violenta ao uso meritório e sacralizado das armas. O mesmo conceituou a

peregrinação armada, como guerra santa. Ao contrário do Islã que, desde a sua origem admitiu o uso da violência. “o Cristianismo, tal como pregado nos primeiros tempos, é uma religião de salvação, pacifista, que preconiza a não violência. Imitando Jesus, que jamais se defendia, [...]”, uma atitude totalmente oposta à das primeiras cruzadas. Nesse ponto, ele concluiu que a doutrina evoluiu muito ao longo do tempo, pois o pragmatismo e a adaptação de acordo com suas realidades, prevaleceram, modificando assim a doutrina antiga.

Já Blainey (2012, p. 104), afirma que, “[...] As cruzadas são vistas como simples guerras religiosas entre cristãos e muçulmanos, mas na verdade representaram também guerras comerciais entre cristãos rivais.”.

Na maior parte dos séculos de cristianismo ocidental a única cidade de grande importância era Roma. No entanto, no Oriente, as cidades mais importantes do cristianismo: Jerusalém, Alexandria, Antioquia e Constantinopla, pela primeira vez as quatro foram conquistadas pelos muçulmanos. De acordo com o autor, a queda de Constantinopla, rebatizada de Istambul, representava a gravidade do risco que o mundo ocidental dos cristãos corria. Segundo ele, iniciava uma nova cruzada, mas dessa vez vinda do Islã, que após quarenta anos, seguiram conquistando novos territórios cristãos.

Flori (2009, p. 25), afirmou que nas diversas visões historiográficas, ao longo do último século, muitos historiadores procuraram dar ênfase ao caráter oportuno da cruzada, pois viam nela o ponto de partida da colonização do mundo pela Europa cristã. No entanto, Blainey (2012, p. 96) explica que as cruzadas eram vistas por muitos historiadores ocidentais como algo conveniente, pois muitos deles elogiavam a conduta dos cruzados em nome da fé. Além disso, a justificativa para a longa duração das cruzadas se deve principalmente pelo fervor religioso e, outra razão foi à distância, ainda que esse último pouco tenha a ver com o cristianismo.

A principal corrente doutrinária responsável pelas cruzadas consistia em cristianizar o mundo, além do interesse em usurpar o lugar dos judeus. Difundida a doutrina, tornou-se então num pensamento comum e oficial da época. Lutero foi influenciado por essas ideias e mantinha seu ódio aos judeus.

O teólogo e filósofo humanista, conhecido como Erasmo de Roterdã, um importante crítico dos dogmas do catolicismo romano, a partir de seus estudos bíblicos iniciou um novo debate quanto à autoridade papal. Sua tradução das versões do Novo Testamento em grego trouxe à luz as contradições em passagens importantes na Bíblia Vulgata. Segundo ele, sua tradução trazia esclarecimentos importantes para o cristão e, se lesse atentamente ficaria mais

informado e saberiam que, "Cristo vive, respira e fala conosco". Porém, muitos não conheciam o Deus que adoravam e, por isso viviam "infelizmente escravizados pela cegueira e pela ignorância". De acordo com Blainey (2012), Erasmo, além de questionar quanto ao dogma da primazia papal, criticou também as vendas de indulgências. A exposição de seus argumentos contra a posição da igreja em relação às doutrinas bíblicas influenciou o caminho para a Reforma. Nesse contexto, Erasmo acreditava que,

[...] a frequência regular à igreja não era absolutamente essencial, e que o dinheiro doado a mosteiros e santuários seria mais bem empregado se entregue diretamente ao "templo vivo de Cristo" - os pobres. Ele concluiu também que certos dogmas cristãos, como a existência de um lugar chamado purgatório, tinham pouca justificativa bíblica (BLAINEY, 2012, P. 111).

O primeiro movimento, após a formação da igreja, foi iniciado por Martinho Lutero. O conceito de justificação pela fé foi algo que mudou não só a vida de Lutero, mas a de muitos cristãos.

A Reforma trouxe à luz doutrinas que foram deixadas de lado por séculos de catolicismo, além disso, trouxe ainda mais divisão entre os cristãos. A principal razão estava em torno das divergências em relação às interpretações bíblicas. Segundo Blainey (2012), Lutero tinha inquietações na sua vida religiosa, no que tentava superá-las através de uma resposta bíblica, partindo das questões ligadas ao pecado e à penitência. Ademais, a salvação meritória era outro elemento que o angustiava, assim, Lutero buscava quase obcecado uma resposta para o que precisava. Nesse sentido, o autor discorre:

A leitura que Lutero fez do Novo Testamento levou-o à confortadora conclusão de que a chave da salvação não estava nas boas ações, em uma vida virtuosa nem na prática de rituais, mas no relacionamento do indivíduo com Deus. Assim, os cristãos não conseguiriam a salvação apenas com suas atividades. Perdão e salvação eram dádivas de Deus, aos quais fariam jus somente aqueles que o amassem e confiassem em sua misericórdia. Lutero deu a essa crença a denominação de "justificação pela fé". A certeza de que sua fé era forte e verdadeira garantiu a ele a paz de espírito. (BLAINEY, 2012, P. 113).

Segundo Brakermeier (1981), Lutero causou espanto em muitos por enfrentar sozinho a autoridade da igreja, no entanto, de acordo com o autor, Lutero confessa se sentir vencido por argumentos bíblicos e desafia toda a Igreja de seu tempo a fazer, com ele, um estudo bíblico, pois afirmava que apenas a Escritura é capaz de decidir sobre verdade ou falsidade de uma doutrina. Diante disso, o autor afirma que,

[...] o protesto de Lutero se inspira numa descoberta que ele fez com e na Sagrada Escritura: Não há lugar em que Jesus Cristo fale de modo mais claro e inequívoco às pessoas e à Igreja do que na Escritura. Na verdade, ela não precisa de intérprete, de alguém que lhe dê voz e sentido. A bíblia tem uma interpretação única. Apesar de não haver tantas discussões historiográficas acerca dos pontos doutrinários.

O autor argumenta que Lutero não trouxe algo novo, mas trouxe um novo modo de aplicar e colher as consequências. Somando a sua interpretação, ele afirma a suficiência e a clareza das Escrituras, defendendo a liberdade de examinar a bíblia frente aos intérpretes submetendo a igreja e a sociedade a uma nova crítica.

Embora os princípios escriturísticos fomentados por Lutero tenham levado o protestantismo a usar a bíblia, o autor argumenta que o mesmo não o aprovou totalmente. Analisando o que ficou definido no protestantismo, o mesmo enfatiza que isso se deve ao volume documental, entre pesquisas e estudos, acumulados desde a Reforma. Outro fator é o redescobrimto da bíblia pela Igreja Católica e a busca por união aos esforços interpretativos do protestantismo.

Brakemeier (1981), afirma que Lutero questionava a Igreja Católica o motivo de não estudar exclusivamente ou em primeiro lugar as Escrituras, já que ela possuía o mesmo espírito de fé da Igreja primitiva. Segundo o autor, a pergunta de Lutero expressa sua suspeita de que a igreja se afastou das origens.

No entanto, a mesma já havia tomado caminhos que nem mesmo Lutero vislumbrava. Todavia Lutero temia que, afastando dos princípios bíblicos a igreja estivesse exposta ao perigo da perversão e corrupção, apontando principalmente os erros interpretativos. Nesse contexto, o autor observa que,

[...] os motivos dessa perversão não precisam consistir necessariamente no desprezo proposital à Bíblia. Alguém poderia citar a Bíblia permanentemente, jogar com versículos bíblicos para todos os lados e ainda assim impedir que ela reine. A ameaça à Bíblia provém, antes de tudo, de uma falsa interpretação, ou seja, do perigo de o espírito do intérprete se sobrepor ao espírito da Escritura. "Sola scriptura", isto em Lutero jamais significou a mera operação com passagens bíblicas ou a recitação de textos. O que deve reinar, não são páginas impressas, não é um livro, não é a letra, mas sim o espírito da Sagrada Escritura respectivamente a causa de que é testemunha e que perfaz o seu centro de gravidade (BRAKEMEIER, 1981).

Lutero abandonou os métodos interpretativos que herdou de seus antepassados por enxergar que o espiritual poderia ser substituído pelo espírito próprio dos intérpretes. Assim, o reformador deixou valer o "sensus literalis" como o único e legítimo, contribuindo para acabar com os subterfúgios hermenêuticos, com especulações e arbitrariedade, para se empenhar na constatação do sentido literal das passagens.

De acordo com o autor, para Lutero a bíblia não era imediatamente compreensível em todas as suas partes, mas é clara em seu cerne, na sua causa e, que deve ser lida em diferentes páginas para ser entendida a partir deste seu centro inconfundível (Cristo). “Se não for vista a clareza deste centro, não é porque a Escritura é obscura, mas porque os olhos dos intérpretes estão cegos, é porque o homem resiste em compreender o que Deus por ele fez” (BRAKEMEIER,1981).

Em virtude dos muitos estudos, Lutero definiu o centro da Escritura cristologicamente, afirmando que Cristo é o critério de julgamento de toda doutrina do cristianismo. Dessa forma, conseguiu concentrar toda a Escritura na pessoa de Cristo. Diante disso, o autor explica:

O “*sola scriptura*” é para Lutero idêntico com o “*solus Christus*”. E mais ainda: O “*solus Christus*” é idêntico com o “*sola gratia*”. Pois é esta a obra de Jesus Cristo, a saber, de ter morrido por nós, de Deus através dele ter-nos revelado a sua misericórdia de ter-nos justificado “*sola gratia*” e “*sola fide*”. Por isto a teologia de Paulo se tornou para Lutero de tamanha importância. A obra de Cristo é absolutamente prioritária por sobre qualquer outra coisa. Nela a Escritura, em toda sua diversidade que não ficou oculta a Lutero, tem o seu ponto de referência, sua consistência, seu verdadeiro âmago. (30) Cristo é também o espírito da Sagrada Escritura, lutando contra o nosso espírito e querendo suplantá-lo (Brakemeier, 1981).

Para Blainey (2012, p. 114), Lutero ao fixar as 95 teses na porta da Igreja em 1517, representou mais uma convocação para o debate do que um ato de rebeldia. Nesse contexto, segundo o autor, os monges notaram que os argumentos de Lutero se assemelhavam às ideias de Jan hus, herege da Boêmia, morto por causa de suas ideias. Lutero não era só um teólogo, mas também um nacionalista, pois “Alguns de seus escritos de 1520 faziam um forte apelo aos alemães, à parte do mundo cristão. Uma de suas acusações era a de que Roma roubava a Alemanha [...]”.

Na Alemanha do século XX, as doutrinas de Lutero sofreram modificações. O movimento denominado “cristãos alemães”, criando em 1931, tendo forte influência nazista, cresceu tendo por principal objetivo a unificação das igrejas.

Segundo Evangelista (2021, p. 15-16), o nacionalismo de Hitler foi de encontro a essas ideias. O movimento teve como base uma ideia de que “[...] O Jesus Ariano era visto como símbolo supremo da resistência contra o judaísmo perverso; o salvador não foi pregado na cruz para salvar a humanidade, mas, foi morto por questionar e desmascarar o judaísmo”. De acordo com o autor o movimento tinha repulsa a tudo que fosse judaico na bíblia. E, nesse sentido, a exclusão de suas histórias do Velho e Novo Testamento, era oportuna, pois tudo que

estivesse relacionado aos judeus precisava ser purificado. O autor explica que o protestantismo liberal de Hitler defendia ideias que foram rejeitadas e condenadas pelos cristãos primitivos, no entanto, o caso era que Cristo viria para salvar os alemães dos judeus maus. Segundo ele “[...] Havia, assim, um forte dualismo de linguagem escatológica no cristianismo positivo, como afirmado por Steigmann-Gall [...] O confronto entre Cristo e o Anticristo era o arquétipo da eterna luta entre arianos e semitas, entre o bem e o mal” (STEIGMANN-GALL, 2004, apud EVANGELISTA, 2021, p. 18)

Os problemas doutrinários já estavam evidentes no movimento dos alemães. A partir da crise interna do protestantismo liberal, os cristãos positivos e protestantes históricos, no final do século XIX e início do XX, tentaram “sintetizar o cristianismo e o nacional socialismo numa espécie de revisão dos dogmas cristãos. Tal revisão era considerada uma heresia, pois negaria as principais doutrinas defendidas pelos reformadores” (EVANGELISTA, 2021, p. 20).

Em princípio, a aversão dos cristãos aos judeus tem origem na rejeição, condenação e morte de Cristo. Os discursos doutrinários da cristandade que tentam apagar os judeus da história do cristianismo surgiram, provavelmente, a partir da oficialização da igreja. Nesse sentido, diversas instituições religiosas ao longo dos séculos criaram suas doutrinas com base nessa perspectiva.

3 A ORIGEM DO MOVIMENTO DOS IRMÃOS PLYMOUTH

O Movimento dos “irmãos”, como é chamado, teve sua origem na primeira parte do século XIX, nas ilhas Britânicas. Esse movimento ficou conhecido por ser constituído de grupos de cristãos não denominacionais que saíram do sistema religioso e passaram a congregar semelhantemente como os cristãos primitivos. A saída deles se deu a partir do momento que descobriram que as doutrinas de onde estavam nada tinham a ver com as dos cristãos primitivos.

De acordo com Doolan (2010)⁴, o movimento foi iniciado com Anthony Noris Groves e depois com outros teólogos da época, dentre eles John Nelson Darby. Ademais, as primeiras reuniões estavam ligadas a grandes nomes, tais como George Müller, Henry Craik, S. P. Tregelles, R. Chapman. O Movimento iniciado em Dublin, Irlanda, chegou à Inglaterra e posteriormente se espalhou pela Suíça, Holanda, Canadá, entre outros países. Em Plymouth, Inglaterra, em 1832 se formou a primeira reunião, a primeira do gênero em toda a Inglaterra.

Doolan (2010) comenta que com a influência do Iluminismo na propagação da valorização da razão humana em relação à fé, nos países europeus protestantes todas as formas de fervor religioso eram consideradas perigosas e degradantes. Segundo ele, os primeiros irmãos foram de muitas formas uma reação contra a atitude dominante e ditadora do catolicismo romano, e a indiferença e superficialidade do protestantismo em geral. Sobre o assunto, o autor expressa:

Não há nenhuma dúvida que eles estavam na vanguarda da reforma radical. O Movimento foi um apelo às escrituras, acima da cabeça de qualquer e toda autoridade existente; a rejeição de ditaduras ministeriais, o conceito da Igreja como comunhão e unidade de todos os crentes.

O despertar surgiu a partir dos muitos estudos da bíblia. Foi um período em que já havia muitas traduções em diferentes idiomas, e nesse sentido, muitos cristãos Anglicanos se empenharam nas leituras. Por esse meio, muitos foram levados à indagação acerca da iminente vinda de Cristo, algo que não era visto nos cultos católicos e protestantes. Enquanto isso, outros foram conscientizados da importância das doutrinas reveladas na Bíblia sobre a Igreja, “o Corpo de Cristo”, pois muitos cristãos consideravam que os templos eram a igreja de Cristo e não os cristãos convertidos.

⁴ DOOLAN, Arnold. *História do movimento de irmãos*. Disponível em: <https://www.irmaos.net/historia/>. Acesso em: 22 set. 2023.

“[...] Isto era algo totalmente novo para a cristandade da época— ouvir falar da Igreja como sendo o corpo de Cristo, habitado e governado pelo Espírito Santo, corpo esse do qual Ele é a Cabeça glorificada nos céus” (MILLER, 2005).

Embora o movimento não tenha sido iniciado por John Nelson Darby, sua influência entre os irmãos de Plymouth foi significativa. Em 1830, Darby já era o principal expoente entre os irmãos, principalmente por sua capacidade de organização e proficiência em escrever. Um dos temas principais do movimento foi acerca da iminente vinda de Cristo. Esse tema ocupou o centro dos estudos e, com isso, surgiu o desenvolvimento de um novo modelo de interpretação bíblica. Assim, Darby sistematizou o conceito de arrebatamento secreto. Nesta circunstância, Santos (2018), explica:

Darby e seus seguidores passaram a alardear que haviam “redescoberto verdades” que foram desconhecidas ao longo de toda a história, desde os dias apostólicos, as quais teriam ficado à margem do ensino tradicional do Cristianismo histórico. Fazia parte desse novo modelo aquilo que passou a ser chamado até hoje, nos círculos dispensacionalistas, de “interpretação literal das profecias”.

Os incessantes estudos dos irmãos trouxeram à tona doutrinas encobertas pela Igreja Católica Romana e Anglicana, bem como verdades sobre o conceito de igreja e sua vocação, ou seja, as diferentes dispensações. A partir de então, segundo o autor, muitos estudiosos cristãos levados à consciência de sua vocação, passaram a pregar e a escrever a outros em diferentes partes da Europa.

O movimento teve sua importância no que se refere ao resgate das práticas dos primeiros cristãos. Quanto a esse assunto, Doolan (2010), expressa que quando se observa a história do movimento dos “irmãos”, chega-se rapidamente à conclusão de que é uma contínua herança espiritual que tem suas raízes nos tempos apostólicos. Segundo ele, o movimento agora conhecido por Irmãos (Irmãos Plymouth, Irmãos Cristão) pode ser reconstituído até à data de 1825, “marcando um acontecimento dentro de movimento constante do Cristianismo”.

Wilkinson (2013, p. 1) constata que John Nelson Darby foi o cristão mais influente e que muitos cristãos desconhecem. Ele não apenas influenciou a formação do Dispensacionalismo e do pré-tribulacionismo, mas também foi o primeiro a desenvolver uma israelologia que hoje provê a base teológica para a maioria dos cristãos sionistas (TOPEL 2011p. 39) Diante da constatação, o autor expõe:

O ponto de partida do sionismo cristão de Darby é sua elevada consideração pela Escritura e a aplicação plausível de uma hermenêutica literal, também conhecida

como método histórico-gramatical-contextual. Conjugado com o desejo de glorificar Jesus Cristo em tudo, o sionismo cristão de Darby é construído sobre a base doutrina neotestamentária de que a Igreja é o mistério não revelado no Antigo Testamento e, portanto, uma fase distinta no plano singular de Deus para a história. Tal visão a respeito da Igreja permitiu a Darby tratar como literais todas as promessas feitas a Israel, sem a necessidade de recorrer à Teologia da Substituição, que tem, desde os tempos pós-apostólicos, contaminado a Igreja e encorajado o antissemitismo.

De acordo com Santos (2018, p. 1-2), no **dispensacionalismo clássico**, a promessa de Deus para Israel é terrena, enquanto que para a Igreja é celestial. E esse foi o dispensacionalismo que predominou entre 1800 a 1950. Já o **neo- dispensacionalismo** defendido por teólogos importantes citados pelo autor, como John f. walvoord, segundo o qual “Israel e Igreja se ajuntarão após o milênio; há um só modo de salvação em ambos os Testamentos (fé) e um só Pacto.”

Segundo ele, o Dispensacionalismo não se constituiu numa denominação, embora tenha surgido com os irmãos, ela não se restringe a eles e nem a qualquer denominação. No entanto, a adoção de erros doutrinários tem como principal consequência a condução de muitos cristãos a erros comportamentais na profissão da fé. Diante disso, o autor argumenta:

Há dispensacionalistas hoje em, praticamente, todos os ramos do Protestantismo e até naqueles onde a sua presença representa uma negação de certos princípios doutrinários distintivos, como no caso do Presbiterianismo, por contraditório que possa parecer. Acreditamos que não há presbiterianos dispensacionalistas, mas certamente há dispensacionalistas presbiterianos. No primeiro caso estamos usando a palavra “presbiteriano” com conotação teológica e, no segundo, com conotação denominacional. O Dispensacionalismo tem sido, geralmente, confundido com o Pré-milenismo, mas não são a mesma coisa. Todo dispensacionalista é, necessariamente, pré-milenista, mas nem todo pré- milenista é necessariamente dispensacionalista.

Santos (2018, p. 2) também afirma que outro fator que contribuiu para a difusão das doutrinas dispensacionalistas, mas também colaborou com novos erros foi a publicação de uma bíblia de referência de Scofield, uma edição da bíblia King James, e que na ocasião foram vendidos muitos exemplares. A partir de então, sua influência, nesse sentido, ajudou na propagação do dispensacionalismo.

No entanto, o autor argumenta que para muitos, as anotações de Scofield tinham o mesmo valor e autoridade que os textos bíblicos. Além disso, alguns teóricos do cristianismo afirmam que apesar da Bíblia de referência de Scofield contribuir para estimular o interesse pelo estudo bíblico, ela também trouxe muito prejuízo à Igreja, pois deixou de lado a interpretação original da bíblia e popularizou uma nova interpretação com conceitos falsos em relação à salvação e principalmente, no que se refere a distinção entre judeus e Igreja.

Ainda de acordo com o autor, dentre os perigos que enfatiza, está o poder que a obra exerce na mente de seus leitores e, no contexto, a obra indica que o estudo não precisa ser aprofundado, pois o que contém nas notas de rodapé da bíblia de Scofield é suficiente. Diante disso, o autor (SANTOS, 2018), cita T. T. Shields, que afirma:

De uma posição de inteira ignorância das Escrituras para uma posição de certeza religiosa oracular - especialmente com respeito a assuntos escatológicos, para algumas pessoas requer-se apenas de três a seis meses com uma Bíblia de Scofield... Eu prontamente reconheço que a Bíblia de Scofield é muito popular entre os novatos, isto é, os que têm recentemente chegado à fé, e também entre muitos de experiência cristã mais longa, mas que são apenas estudantes superficiais das Escrituras. Roupas prontas são populares em todo lugar entre pessoas de tamanho médio... Pelo mesmo princípio, ideias religiosas prontas serão sempre populares, especialmente entre aqueles indispostos ao esforço de ajustar seus conceitos religiosos a um conhecimento escriturístico sempre crescente. Essa disposição humana comum, em grande parte, explica a popularidade da Bíblia de Scofield.

Santos (2018, p. 2-3) reforça que a popularidade de Scofield é justificada pelo fato dele ter incluído suas anotações nas notas de rodapé da bíblia e não em um livro separado, como fez John Nelson Darby, que por essa razão não se popularizou. No mais, o autor afirma que a inclusão dessas anotações e a associação de seu nome ao de Paulo e Pedro, na mente de alguns seguidores devotos, discordarem dele é o mesmo que discordar do apóstolo.

3.1 Dispensacionalismo e Teologia do Pacto

De acordo com a ilustração abaixo, Bruce Anstey (2017) indica que quando o tema são os princípios básicos da interpretação da bíblia o mundo cristão está dividido em duas principais correntes doutrinárias: Dispensacionalismo ou teologia do pacto. Nesse sentido, o autor explica que “[...]. Independente de estarem ou não cientes disso, conforme a posição que adotam em relação a Israel e à Igreja [...] os cristãos são identificados por seguirem ou a “Verdade Dispensacional” ou a “Teologia do Pacto” (p. 6-7)”.

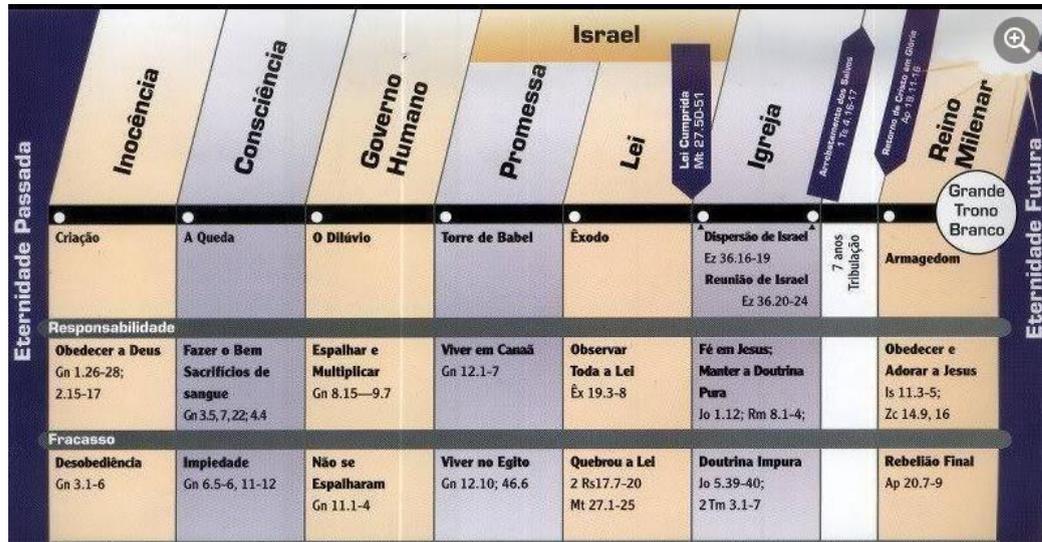
Figura 1 - Teologia do Pacto ou Dispensacionalismo nas igrejas da cristandade⁵



Fonte: Anstey (2017, p. 8)

As doutrinas resgatadas pelos precursores do movimento foram as dispensações. Existem ao todo sete, são elas: em inocência, em consciência (da expulsão do jardim do Éden ao dilúvio), em autoridade ou governo (do dilúvio a Abraão), sob a promessa (de Abraão a Lei), sob a Lei (da Lei a Cristo), sob a graça (de Cristo ao arrebatamento), sob o reinado pessoal de Cristo (da vinda de Cristo ao final do Milênio). Conforme já exposto, vejamos um esquema representativo das dispensações desde o Início:

⁵ ANSTEY, Bruce. Teologia do Pacto ou Dispensacionalismo: Qual a maneira correta de se interpretar as Escrituras? 2ªed.. Christian Truth Publishing 12048-59TH AVE. Surrey, Bc v3x 313 Canadá, julho, 2017.

Figura 2 – As dispensações em diferentes Eras⁶

Fonte: Blog Marcos Lino

De acordo com Anstey, as verdades dispensacionais foram ensinadas pelo apóstolo Paulo, mas acabou sendo incompreendida e perdida nos primeiros séculos da história da igreja. Nesse contexto, argumenta que após a perda dessas doutrinas, muitos erros foram introduzidos no cristianismo, e o principal erro doutrinário veio acompanhado de forte tendência separatista. Nesse sentido, Citando novamente o autor (ANSTEY, 2017, p. 7) ele explica:

Este erro foi inicialmente ensinado por homens como Agostinho (400 D. C.). Mais tarde, por ocasião da Reforma Protestante (nos anos 1500), ele foi transformado em um sistema de doutrina conhecido hoje como “Teologia do “Pacto” ou “Teologia Reformada”.

O conceito de dispensação é a forma específica de Deus se relacionar com os cristãos. Segundo o autor, essas formas mudam com o passar do tempo, e cada mudança é definida por uma dispensação (como já mostrado na imagem acima). Nesse sentido, Anstey afirma que o modo de tratar com Israel e Igreja são definidos a partir das dispensações. Sendo assim, o autor explica que,

[...] no Antigo Testamento, quando Israel estava sob a Lei, Deus ordenou Sua casa de uma maneira diferente da que ele hoje ordena a Sua casa no Dia da Graça. Portanto, tem ocorrido uma mudança de dispensações-uma mudança na gestão da

⁶ Disponível em: <https://linomar31.wordpress.com/apocalipse-mapas/>. Acesso em: 29 de Ago. 2023.

casa de Deus. O ensino bíblico que observa e reconhece uma diferença entre Israel, Igreja e os santos do reino milenial cada um com sua vocação, bênçãos e destinos específicos é o que chamamos de Dispensacionalismo (ANSTEY, 2017, p.9).

As doutrinas resgatadas através do movimento dos irmãos, embora considerem todas importantes, a maioria dos dispensacionistas concordam que as principais são: a Dispensação do Mistério, A Dispensação da Lei e a Dispensação da Plenitude dos Tempos. De acordo com as duas últimas dispensações “são administrações que têm a ver com povos terreno, enquanto que a primeira se encaixa entre as outras duas”. Além disso, é considerada importante porque, segundo ele, são aquelas sobre as quais recai a controvérsia a respeito do ensino dispensacional.

Sobre um possível parêntese no que se refere às tratativas com Israel, o autor argumenta: “O primeiro “ pilar” da verdade dispensacional é que as Escrituras proféticas do Antigo Testamento ensinam que haveria uma interrupção nas tratativas de Deus para com Israel como consequência da rejeição do Messias.”

O autor explica que a Dispensação da Lei foi um modo organizado que Deus teve para com o povo de Israel, no qual as obrigações e exigência da Lei deveriam ser cumpridas, Já a Dispensação do Mistério ou Dispensação da Graça trata-se da administração de um povo celestial, ou seja, a Igreja, essa John Nelson Darby a chamou de “a presente Dispensação”. A Dispensação da Plenitude dos Tempos é a terceira grande Dispensação que ainda, segundo o autor, é futura, no qual ocorrerá no reino de mil anos de Cristo.

Para definir se as conclusões das doutrinas dos irmãos são verdadeiras, principalmente aquelas que confrontam com as doutrinas reformadas, Santos (2018, p. 4-8) afirma que é preciso examinar se a interpretação é coerente e sustentável, pois o mesmo equivale a um sistema teológico consistente. Segundo ele o sistema dispensacionalista está construído sobre três pilares, ou três pressupostos:

I - Uma interpretação literal das Escrituras: significa que todas as promessas feitas no Velho Testamento serão cumpridas literalmente em Israel e nenhuma dessas promessas se refere à Igreja, porque viola o princípio da literalidade. O autor expressa que “todos os que não interpretam profecias com o mesmo grau de literalidade são considerados ‘espiritualizantes’, ‘alegorizadores’”.

II- Uma dicotomia rígida entre o Israel do Antigo Testamento e a Igreja do Novo Testamento: significa que a igreja é a Igreja e Israel é Israel e, além disso, os dispensacionalista negam qualquer relação entre Israel no Velho Testamento e Igreja no Novo

Testamento. Nessa perspectiva, segundo o autor, a dicotomia entre Israel e Igreja deve perdurar por toda a eternidade.

III- A teoria de que o período da Igreja é um parêntese imprevisto no programa judaico profetizado no Velho Testamento. Nesse contexto, o autor revela que a presente Era da Igreja é uma intercalação no calendário, “do modo como esse programa foi previsto pelos profetas do passado”. Esse é, na verdade, o caráter preciso da presente Era.

Santos (2018, p. 4) comenta que para uma boa interpretação, não se trata reconhecer que é preciso, mas que é necessário entender para quem Deus está falando e a respeito do que. Diante disso, ele concorda que toda interpretação bíblica deve estar subordinada a um sistema, pois não há outra forma neutra de fazer um estudo bíblico sem que ocorra erro, pois um versículo fora do contexto pode apresentar mais de um significado, e nesse sentido, não seria possível saber qual é o verdadeiro. Nesse contexto, o autor argumenta:

Para que a interpretação de um determinado texto esteja correta é preciso que ela se harmonize com o ensino geral (global) das Escrituras. É o que geralmente se chama de “analogia da fé”. O sistema teológico de alguém, porém, pode estar errado e, com isso, toda a interpretação à luz daquele sistema fica comprometida. Por isso, é preciso que o próprio sistema esteja sendo sempre conferido e, se necessário, ajustado com as Escrituras, para que possa conduzir a uma correta.

Anstey reforça que existem coisas que foram escritas para os judeus, assim como tem coisas escritas para a Igreja e, segundo ele, as Escrituras fazem distinções claras entre estes dois grupos, como sendo entidades distintas das nações gentias. Reforçando o argumento o autor cita: “Não vos torneis causa de tropeço nem para judeus, nem para gentios, nem tampouco para a igreja de Deus” (1 Co 10:32), (ANSTEY, 2017).

O mesmo afirma que as consequências de não saber distinguir entre o modo de Deus tratar com a Igreja e Israel são muito significativas, no que leva a muitos erros, desde uma escatologia incorreta, quanto um estudo incorreto das doutrinas, isso resulta, principalmente na contínua justificativa de cristianizar o mundo e usurpar a posição dos judeus. Além disso, influencia diretamente nos objetivos das pessoas envolvidas nos serviços cristãos.

A problemática das interpretações da bíblia, no que se refere às doutrinas que não fazem as distinções dos povos, segundo o autor, partiu dos tradutores ao adicionarem subtítulos em algumas bíblias com o objetivo de auxiliar o leitor. Além do mais, os subtítulos, de certa forma reforçaram a ideia de cristianizar as Escrituras. Nesse assunto, o autor explana que:

[...] Como cristãos, somos culpados de cristianizar as Escrituras que não foram dirigidas a nós e imaginar que elas tenham sido. Pegamos passagens que foram claramente escritas para Israel e imaginamos que estejam se referindo à Igreja. Um exemplo disto são os subtítulos de algumas Bíblias que aparecem no topo de várias páginas, particularmente nos livros dos Salmos e do profeta Isaías. Esses subtítulos, que não fazem parte das Escrituras divinamente inspiradas, foram adicionados pelos tradutores para instruir o leitor (infelizmente de forma errada) que essas passagens teriam sido escritas (na opinião deles) para a Igreja, quando elas foram claramente escritas para Israel. É compreensível que isso tenha acontecido, já que os tradutores eram teólogos reformados da Teologia do Pacto (ANSTEY, 2017, p.10).

Muitas passagens do Antigo Testamento reforça a vinda do “Messias Judeu reinando sobre Israel em um reino futuro”, no entanto o autor revela que a dispensação do Ministério vai muito além de descortinar os planos de Deus nas diferentes esferas. Ela evidencia “o que Deus tem feito durante o período em que Israel é deixado de lado e que os crentes tanto judeus quanto gentios estão sendo salvos hoje e introduzidos na Igreja. Esta é revelada em Efésios 2:1-22 e 3:3-10.”.

O mesmo orienta que os cristãos precisam considerar a razão pela qual deveriam aceitar o que os teólogos do pacto ensinam sobre o assunto que está em seu livro, pois segundo ele, suas notáveis deficiências nas interpretações e conceitos em relação à bíblia são suficientes para deixar os cristãos cautelosos. Voltando a citar o autor, ele sustenta:

A verdade é que os teólogos do Pacto estão errados a respeito de Israel, e eles estão errados a respeito da Igreja de Deus. Cerca de 70% das Escrituras falam de Israel, e apenas 10% ou 15% falam da Igreja. Isto significa que se as pessoas estiverem erradas a respeito de Israel e da Igreja elas estão erradas a respeito da maior parte da Bíblia! (ANSTEY, 2017, p.174)

Segundo Anstey (2017) em muitos aspectos as doutrinas Dispensacionais e a teologia do Pacto são antagônicas, além disso, de acordo com ele a Teologia Reformada do Pacto é a maior oposição das doutrinas dispensacionais. Apesar de haver muitos cristãos dispensacionais, de acordo com Bruce Anstey, a Teologia do Pacto vem reconquistando muitos seguidores, pois antes das redescobertas dispensacionais no século XIX, segundo o autor afirma, “a partir do que a verdade dispensacional foi entendida e amplamente aceita, a Teologia Reformada era aceita como a interpretação bíblica ortodoxa pela maior parte da cristandade” (ANSTEY, 2017, p. 135). Nesse sentido, as doutrinas dispensacionais estão no processo de serem mais uma vez deixadas de lado, pois ocorre um ressurgimento de interesse dos cristãos pelas doutrinas do Pacto.

A Teologia Reformada do Pacto é um sistema de ensino que, ao contrário do Dispensacionalismo, não difere os povos (Israel e Igreja), no entanto, ela enxerga que a Igreja

é contínua, acreditando que começou no Velho Testamento, o que reforça a ideia de serem igualmente participantes das promessas que Deus fez aos judeus. Contudo, acreditam que no dia de Pentecoste, não seria a formação inicial da igreja, descrita no Novo Testamento, mas que seria apenas um reavivamento ocorrido dentro da igreja. (BRUCE ANSTEY, 2017)

Além do que já foi mencionado acima, de acordo com Bruce (2017), essa Teologia opondo-se à literalidade usada pelos dispensacionalistas, nega a ideia de que haverá uma restauração literal de Israel, e “um reino literal sobre o qual Cristo irá reinar por mil anos (o Milênio)”. Bruce explica que “ela enxerga Israel como tendo perdido para sempre suas bênçãos materiais por causa de sua incredulidade, e que o reino de Cristo seria algo apenas espiritual — não haveria um reino literal”. Portanto, as promessas destinadas para os povos de Israel no sentido literal, suas bênçãos teriam tornando-se nulo e sem efeito, e os “movimentos de Deus visando à restauração de Israel, que são registrados nos escritos dos Profetas do Antigo Testamento, teriam se concretizado no dia de Pentecostes”.

A teologia também nega os principais eventos bíblicos trazidos pelos dispensacionalistas, como a Grande Tribulação, O Anticristo e Armagedom, pois como coloca o autor, “todas essas coisas são consideradas como já tendo acontecido por volta do ano 70 D.C”. Deste modo, os eventos no livro de Apocalipse e outras passagens proféticas teriam já acontecido ou estariam acontecendo hoje de uma maneira espiritual. Além disso, consideram que o Arrebatamento e a manifestação de Cristo seria um único evento e que ocorrerá quando os cristãos forem bem sucedidos em evangelizar o mundo (ANSTEY, 2017, P. 136).

Diante do exposto, o autor coloca que já que o mundo está longe de ser evangelizado em curto prazo, logo, a vinda de Cristo não seria considerada iminente. Enquanto isso, muitos cristãos que seguem as doutrinas do Pacto, são encorajados não só a pregar o evangelho, “[...] mas também a exercer uma influência piedosa onde quer que possam para ajudar na reforma do mundo. O envolvimento em política, reformas sociais, etc. é considerado um dever cristão”.

Enquanto os Dispensacionalistas alertam sobre o Evangelho da Graça que é, segundo eles, a atual dispensação, os Teólogos do Pacto misturam a atual Dispensação com o Evangelho do Reino em um mesmo apelo evangelístico.

No contexto em que se insere a interpretação dos teólogos do Pacto, como a crença de que todos os eventos escatológicos estejam sendo cumprido espiritualmente na Igreja, Anstey (2017) afirma que esse princípio de interpretação é conhecido como “espiritualizante”, já que essas coisas que não podem ser demonstrada como tendo acontecido literalmente. E é nessa

perspectiva que a maioria das organizações eclesiástica cristã professa sua fé.

Considerando que o chamado da Igreja é um parêntese celestial em meio às tratativas de Deus com Israel, Bruce (2017, p. 166-167) alerta para as evidências que a Bíblia traz. O autor afirma que os teólogos do Pacto tentam mostrar através de algumas passagens bíblicas uma continuação do judaísmo dentro do cristianismo, desta forma significando para eles uma nova aliança, porém só com a Igreja. Nesse sentido, o autor explica que os títulos do Novo Testamento que compõem os Evangelhos, os livros dos apóstolos e o livro de Apocalipse formam uma divisão na bíblia e, tal divisão é para os dispensacionalistas o argumento de que Deus tem dois povos e os tratam de formas distintas. De acordo com ele no grego é usada uma mesma palavra para “testamento”, “pacto”, “concerto” ou “aliança”, diante disso, “[...] os teólogos do Pacto apontam para este título como outra ‘prova’ de que a “Nova Aliança” teria sido feita com os cristãos”

4 IMPLICAÇÕES DOUTRINÁRIAS E PRÁTICAS

Bruce Anstey (2017, p. 172), alerta quanto à relevância da Teologia do Pacto na vida prática, pois, embora ela não cause uma diferença real no cotidiano das pessoas, ela implica numa prática, uma vez que, como menciona o autor: “Uma doutrina errada leva a uma prática errada”.

O autor lista os impactos que a Teologia do Pacto pode causar na vida dos cristãos. Além de não conseguir “uma comunhão inteligente com Deus no que diz respeito ao Seu programa presente e futuro de glorificar publicamente Seu Filho, por crerem em algo totalmente estranho a isso” e ao negarem a iminente vinda (o arrebatamento secreto) eles levam, segundo o autor, os cristãos que seguem essa doutrina a se “acomodarem a terra tornando-se mundanos (Mt 24:48-49)”.

Além de levarem os cristãos a se envolverem em política e a melhoria dos “programas seculares em seus esforços de endireitar o mundo e ajudar a estabelecer o reino em justiça”, por motivos já detalhados no segundo capítulo, o autor explicita que a Teologia do Pacto ofende e enfurece os Judeus, porquanto, de acordo com ele,

[...] apresenta o evangelho como algo que tira de Israel sua esperança nacional de uma herança literal em sua terra prometida. Isso só dificulta ainda mais alcançar os judeus hoje com o evangelho. Apesar de nada poder impedir a soberania de Deus em salvar almas, humanamente falando somos responsáveis de não por tropeço diante do cego (Lv 19:14). Por outro lado, a verdade dispensacional não interrompe o plano de Deus de abençoar Israel em sua herança terrena. Ela nada tira deles, no que diz respeito às suas esperanças nacionais (ANSTEY, 2017, P.173).

O autor ressalta que os cristãos que detêm os erros doutrinários do Pacto, possuem uma deficiência no entendimento da “eclesiologia (doutrina e prática da Igreja), escatologia (eventos proféticos), e alguns dogmas de soteriologia (verdades a respeito da salvação e suas bênçãos)”, mas que há também dispensacionalistas que tem suas deficiências no que se refere a outras doutrinas bíblicas, mas nada que seja comparada aos teólogos do Pacto. (Anstey, 2017, p.174).

Nesse sentido, Mario Persona (2017)⁷, integrante do grupo de remanescente do movimento em São Paulo, afirma que a falta de entendimento e recusa das doutrinas dispensacionais levam muitos cristãos a adotarem costumes judaicos. Além disso, ele afirma

⁷ PERSONA, Mario. *Por que protestantes e católicos criticam o dispensacionalismo*. Disponível em: <https://www.respondi.com.br/2017/03/por-que-protestantes-e-catolicos.html>. Acesso em: 22 set. 2023.

que muitos desses cristãos geralmente não tentam refutar a questão clerical, denunciada pelos irmãos de Plymouth, pois isso faria com que admitissem seus erros do passado, dado que, não podem admitir que falharam na interpretação, entretanto, contestam “verdades como o arrebatamento da Igreja, a posição inabalável do crente em Jesus, a inexistência de denominações na Bíblia e o lugar que Israel ocupa nas profecias”.

Sendo o sacerdócio universal, Persona (2017) um conceito defendido por cristãos católicos e protestantes, embora seja uma prática judaizante, segundo o autor é um dos “nervos” que o “dedo” do Dispensacionalismo aperta e, assim sendo o autor contesta essa profissão:

A questão do clero, pois no momento em que se entende que TODOS os salvos são igualmente sacerdotes e têm igual acesso a Deus, sem intermediários humanos, ao contrário do que acontecia no judaísmo que separava esse acesso simbolicamente por um véu, como fica a profissão dos clérigos? Como fica a vida de pompa e circunstância que muitos deles sempre levaram? Como fica a reputação de líderes religiosos, tanto católicos como protestantes, hoje paparicados por políticos ateus em busca de favores?

A teoria referente ao fim do mundo é bastante temida por alguns e debatida entre os muitos cristãos católicos e protestantes. Nesse contexto, no que se refere ao retorno de Cristo, os dispensacionalistas acreditam que é um evento que ocorrerá antes dele retornar para estabelecer seu Reino em Israel e esse evento é o Arrebatamento Secreto que segundo os dispensacionalistas ocorrerá em duas fases distintas. Na primeira fase ocorrerá o Arrebatamento Secreto da Igreja (entre eles os mortos que serão ressuscitados e transformados), que pode ocorrer a qualquer momento. A segunda é o retorno de Cristo com a Igreja, após os sete anos da Grande Tribulação. Mario Persona (2017) é um dos que defende o Arrebatamento secreto, embasando sua posição com argumento bíblico, quando cita:

Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. (1 Ts 4:16-17).

Diferente dessa posição, Bacchiocchi (2011)⁸, rebate essa passagem bastante usada, principalmente pelos dispensacionalistas. Além de não concordar que haverá um

⁸ BACCHIOCCHI, Samuele. *Arrebatamento Secreto: Fato ou Ficção?* Monergismo, 31 de mar. de 2011. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/escatologia_reformada/arrebatamentosecreto_samuel.htm.

arrebatamento secreto ele nega também que não haverá um arrebatamento da Igreja. Um dos argumentos do autor é:

[...] O clamor, a trombeta e o grande ajuntamento dos vivos e santos ressurretos dificilmente sugeriria um evento secreto, instantâneo e invisível. Pelo contrário, como freqüentemente se tem assinalado, esta talvez seja a passagem mais barulhenta da Bíblia. A referência a um ressoar “da trombeta” e paralelamente ao texto de Mateus 24:31 e 1 Coríntios 15:52, que falam de fortes sons de trombeta, corroboram a visibilidade e natureza pública do Segundo Advento. Nenhum traço de um arrebatamento secreto pode ser encontrado em qualquer destas passagens.

Persona⁹ em uma de suas publicações rebate e argumenta tal interpretação:

[...] Para mim fica tudo muito claro que isso estará acontecendo na esfera celestial, não na terra, mesmo porque a passagem não diz que Jesus voltará a terra, mas sim que os salvos ressuscitados e transformados é que subirão para se encontrar com ele entre nuvens. Como isso acontece em um piscar de olhos ou fração mínima de tempo, obviamente qualquer cidadão da terra não verá acontecer. Enquanto isso estiver acontecendo os habitantes da terra estarão olhando para as coisas da terra como sempre estiveram. Aqueles que nunca tiveram qualquer interesse em escutar as coisas vindas do céu pela Palavra de nosso Deus serão privados também de ouvir qualquer coisa dessa esfera à qual pertencem aqueles que são do céu (PERSONA, 2017).

Samuele Bacchiocchi (2011), afirma que a crença no arrebatamento secreto repousa sobre uma pressuposição subjetiva do que no ensino bíblico. De acordo com ele, o pressuposto principal é que Deus tem um plano diferente para ambos os povos (Israel e Igreja) e “consequentemente, presume-se que a Igreja deve ser removida da Terra antes que Deus possa tratar com os judeus levando-os à conversão em larga escala mediante a experiência da grande tribulação”. Com base na interpretação da Teologia do Pacto, Bacchiocchi expõe:

[...] Não há base bíblica para uma distinção radical entre Israel e a Igreja. O Novo Testamento não retrata o futuro de Israel como um reino político milenial separado na Palestina, mas como um de bênçãos duradouras compartilhado com todos os remidos de todas as eras numa nova Terra restaurada.

4.1 Os grupos cristãos

4.1.1 Dublin

O evento gerador dos desdobramentos dos primeiros grupos, (GENCIANO, 2016, P.

⁹ PERSONA, Mario. *Como o arrebatamento pode ser secreto com tanto barulho?* Disponível em: <https://www.respondi.com.br/2017/10/como-o-arrebatamento-pode-ser-secreto.html>. Acesso em 22 set. 2023.

3) não foi à inauguração de um prédio, nem uma publicação de um livro, ou a fundação de uma sociedade, mas sim o “partir do pão”. A celebração da Santa Ceia, provavelmente, foi o marco inicial dos grupos autônomos.

Iniciada por Groves, a primeira reunião ocorreu no castelo de uma mulher conhecida como Condessa Powerscourt. Inicialmente, os encontros eram somente para estudos e orações (GUIMARÃES, 2022). A Santa Ceia sem a presença de um sacerdote para comandar a cerimônia, foi amplamente discutido entre eles, pois consideravam, a partir das Escrituras que os “crentes”, poderiam se reunir como o “corpo de Cristo” para partir o pão e relembrar a morte do Senhor, como fizeram os apóstolos. (GENCIANO; FILGUEIRAS, 1991, P. 18).

As pregações poderiam ser realizadas em qualquer local, em tendas e lares, por exemplo. Além das pregações e distribuições de folhetos evangelísticos nas Ilhas Britânicas, “havia um forte serviço social mesclado às ações evangelísticas, dos quais o destaque recai sobre os orfanatos mantidos por George Müller. Havia ações destinadas aos pobres em cidades como Londres, Bristol e Barnstaple” (GENCIANO, 2016, P. 8).

Pequenos grupos se reuniram em diferentes partes da cidade de Dublin. “Em 12 de junho de 1828, Groves, juntamente com sua família, foi realizar em Bagdad, na Pérsia, o primeiro trabalho missionário. Este foi o primeiro grupo de missionários do ‘Movimento dos Irmãos Unidos’.” (GUIMARÃES, 2022).

4.1.2 Na Rússia

Na Rússia, Groves, após ter percebido a comunhão do pequeno grupo, “propôs a mudança das reuniões para um lugar mais público que ele alugara em uma rua chamada Augier. Este, provavelmente, foi o primeiro salão de reuniões do grupo dos ‘irmãos unidos’”. (GUIMARÃES, 2022)¹⁰.

4.1.3 O grupo de Bristol

George Müller e Henry Craik em 1832 iniciaram as reuniões em Bethesda. No mesmo ano, Müller escreveu em seu diário que havia sete pessoas (incluindo eles) que estavam reunidos.

¹⁰ GUIMARÃES, Jabesmar. *O movimento dos irmãos*. Disponível em: [https://jabesmar.com.br/o-movimento ds-irmaos/](https://jabesmar.com.br/o-movimento-ds-irmaos/) Acesso em 22 set. 2023.

4.1.4 O grupo de Plymouth

Em Plymouth as reuniões se intensificaram, as assembleias estavam ligadas aos nomes de Newton, Wigram e posteriormente Darby. Na possibilidade de desenvolver um trabalho permanente, adquiriram uma capela e lá eram feitas as reuniões. As pregações atraíram grande número de pessoas e, assim, formou uma igreja independente em comunhão com as de Dublin e Bristol. Nesse sentido, o trabalho de Darby contribuiu para a importância que a Igreja de Plymouth teve.

4.1.5 O grupo na Alemanha

Em 1847, na Alemanha surgiram dois pequenos grupos: um em Tubingen e outro em Dusseldorf. Segundo Guimarães (2022), “Os impulsos decisivos, porém, partiram nos anos cinquenta de Elberfeld, onde havia a Associação Evangélica dos Irmãos. Carl Brockhaus, que se desligou da Igreja Estatal em 1856, permaneceu em constante contato epistolar e oral com Darby.”. De acordo com ele, foi a partir desse contato que ficou estabelecida a comunhão dos irmãos do movimento entre os irmãos da Alemanha e os britânicos.

4.1.6 Chegada ao Brasil

Segundo Genciano, (2016, p. 13-14), a chegada do movimento está relacionada ao Dr. Robert Reid Kalley e seu cooperador Richard Holden e, por conseguinte, à Igreja Evangélica Fluminense (fundada pela esposa de Kalley, a senhora Sara Poulton Kalley). De acordo com o autor, entre 1865 e 1871, Richard Holden empreendeu inúmeras viagens de norte a sul do Brasil, e mesmo tendo consideração por Kalley, não continuou cooperando com a igreja Evangélica por não concordar com o recebimento de salário. Nesse contexto, o autor afirma que não se sabe ao certo em que momento Holden teria tido conhecimento das doutrinas do “Movimento dos Irmãos”, no entanto, ele aponta para os pais de Holden, pois os mesmos reuniam-se em assembleias na Alemanha. O nome de Kalley é citado, porque possuía parentes que congregavam em assembleias, assim como irmãos do movimento. Segundo o autor, o tio da esposa cooperava financeiramente no Brasil em uma Assembleia em Londres.

Barreto (2016)¹¹ afirma que o primeiro grupo a se reunir no Brasil foi em 1878. Segundo ele, em 1896, chega o primeiro missionário ao Brasil (Stuart Edmund Mc Nair). “Começou na cidade do Rio de Janeiro, depois Petrópolis, Sampaio, Del Castilho, Bemposta e Zona da Mata, região limítrofe entre os Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo.” O mesmo afirma que não se sabe ao certo quantas igrejas locais existem hoje no Brasil, mas Segundo ele, estima-se que mais de 700 grupos espalhados em diversas regiões, sendo a maior concentração no Sudeste.

4.2 Resultados

Os resultados das análises feitas a partir das perspectivas dos autores e interpretações bíblicas possibilitaram uma melhor compreensão dos principais aspectos das doutrinas do cristianismo, respondendo às questões colocadas. Neste capítulo são bastante relevantes as discussões iniciadas a partir dos autores citados, que a doutrina do Pacto, tem como principal objetivo a cristianização do mundo, enquanto que as doutrinas resgatadas pelos Irmãos de Plymouth têm objetivos opostos. Para que esse estudo se tornasse possível, foi de grande importância à abordagem das perspectivas cristãs, as discussões relativas às interpretações bíblicas que, possivelmente levaram os cristãos a realizarem as cruzadas, além da história do Movimento iniciado no século XIX, acontecimento que mudou o curso do Cristianismo, a partir das doutrinas resgatadas através dele.

Nas duas principais maneiras de interpretar a bíblia estão as implicações no âmbito sócio-político e conseqüentemente as dissidências é resultado das divergências interpretativas. Nesse sentido, tanto as doutrinas dispensacionais, quanto a Teologia do Pacto conduzem a vida dos cristãos conforme a posição que adotam.

4.3 Discussões

As discussões a seguir se baseiam principalmente a partir do conceito do Arrebatamento Secreto (ou pré-tribulacional) de Darby, pois se tornou o ponto de partida para constituir o Dispensacionalismo.

¹¹ BARRETO, Sinésio. *Um pouco de nossa história e quem somos*. Disponível em: <http://movimentodosirmaos.blogspot.com/2016/12/o-movimentodos-irmaos-e-conhecido-por.html>. Acesso em 22 set. 2023.

A problemática da doutrina do arrebatamento pré-tribulacional está inserida na tentativa de harmonizar com a visão tradicional de conquista do mundo por parte dos cristãos, principalmente pelos teólogos do Pacto, além dos neopentecostais com a Teologia do Domínio, muito em voga atualmente.

A moderna Teologia nada mais é que uma adaptação de vários conceitos da teologia do Pacto. Ela prega a cristianização do mundo e tenta usar como prerrogativa para preparar para Cristo reinar (PERSONA, 2017).

Enquanto isso, as doutrinas trazidas pelos irmãos de Plymouth pregam a não cristianização do mundo, assim como a não participação dos cristãos na política, e principalmente a abstenção nas votações. Os teólogos do Pacto e os neopentecostais por sua vez caminham na contramão de tudo isso.

No sentido contrário dos argumentos dos irmãos cristãos, está Ralph Drollinger¹². O fundador do ministério evangélico Capitol Ministries, um importante representante da Teologia do Domínio, que discorda veementemente dos dispensacionalistas. Para ele, os cristãos não apenas podem, mas devem se envolver politicamente na sociedade, pois, é a bíblia que ensina. Usando passagens, que segundo os dispensacionalistas nada tem a ver com a intromissão no âmbito político e sim espiritual em forma de testemunho, ele comenta:

Embora algumas igrejas ensinem que os cristãos devem se envolver apenas no evangelismo e abster-se de uma carreira no mundo político, não é isso que a Bíblia ensina. “Vocês são o sal da terra” e “Vocês são a luz do mundo” (Mateus 5.13a, 14a) são indicativos de que todos os cristãos devem exercer influência aqui e agora, além do evangelismo e do discipulado. (DROLLINGER, 2019)

Drollinger (2019) em seu artigo tenta buscar respaldo bíblico para justificar suas ideias. Assim, ele expõe: “O fato de que os cristãos devem afetar o mundo em que vivem (em vez de se isolarem dele) é evidente a partir do Sermão do Monte. Mateus 5.13-16 [...]” O autor é enfático quando explica a passagem citada. Repetindo o mesmo argumento, explica:

Jesus não está dizendo “vocês devem ser sal e luz!” Jesus não está falando no imperativo. Em vez disso, o uso de **vocês são**, significa que vocês são preservando e iluminando a sociedade quanto mais bem-aventurados forem. **Vocês são** está baseado no que Jesus já disse no Sermão do Monte!

De acordo com Mario Persona (2017)¹³ a moderna Teologia do Domínio traz uma ideia semelhante à das cruzadas. E, segundo ele, uma resistência política às ideias como de

¹² DROLLINGER, Ralph. Por Que Os Cristãos Devem Se Envolver Na Política? 29 de Jun. 2021. Disponível em: <https://capmin.org/estudos-biblicos/por-que-os-cristaos-devem-se-envolver-na-politica/>.

¹³ PERSONA, Mario. O que é Teologia do Domínio? ResponDi.com, 2017. Disponível em: <https://www.responDi.com.br/2005/06/o-que-teologia-do-domnio.html>.

Drollinger poderia culminar em uma guerra. Nesse sentido, comenta:

Em alguns círculos políticos dos EUA, os fins justificam os meios, portanto não existiria nada de errado em se envolver em guerras se isto for para expandir o domínio da fé cristã, um discurso que não difere muito dos radicais islâmicos em seu empenho por eliminar os infiéis.

Persona, em sua publicação, explica que a abstenção nas eleições pode causar estranheza na sociedade a qual está condicionada, no entanto, o cristão não deve esquecer-se de sua condição depois de convertido. Além disso, o autor se inclui quanto ao assunto quando cita: “depois de salvos por Cristo, não somos apenas transformados e feitos aptos para o céu, como também passamos a ter outra visão do mundo em redor, para o qual passamos a ser estrangeiros”. O autor faz essa referência amparada à justificativa do principal conceito dispensacional da Graça, ou seja, a Igreja em que cujas promessas são celestiais.

No que se refere à cidadania cristã, Malheiros (2017, p. 2-4), afirma que na epístola aos Hebreus (Hb 11:16) a pátria do cristão é identificada como sendo celestial. De acordo com ele o cristão pode afirmar que seu Estado está no céu, pois Cristo estabeleceu esse conceito quando declarou: “o meu Reino não é deste mundo”.

As doutrinas resgatadas pelos irmãos no século XIX, como já mencionado no capítulo dois, têm como principal característica a distinção dos povos, que segundo eles, Deus tem a tratar. Na lógica dispensacional, a distinção desses povos (Israel e Igreja) começa a ser revelada a partir do Novo Testamento, quando a Igreja é o mistério revelado a Paulo de Tarso. Nesse sentido, as epístolas de Hebreus analisadas pelo autor, traz um caráter dispensacional, pois as passagens citadas por ele fazem declarações relativas aos novos cristãos, ou seja, a Igreja, no sentido vocacional.

O autor, ao fazer uma leitura sócio-política, comenta a respeito da condição dos fiéis cristãos em relação à nação de Israel o seguinte:

A própria galeria dos heróis em Hebreus 11 desnacionaliza a história bíblica, pois a principal característica no perfil dos heróis selecionados nesse capítulo é a marginalização em relação à nação de Israel, criando uma linhagem bíblica sem se prender à identidade nacional, uma linhagem aberta aos fiéis em geral (BEALE; CARSON, 2014, p. 1207-1208). Ou seja, Hebreus 11 transforma o status de heróis nacionais em status de fiéis na condição de marginalizados. Por isso, esses heróis são exemplos inspiradores para os cristãos também marginalizados, sem pátria (MALHEIROS 2017, p. 2-4).

Além das definições dos termos em grego encontrados no livro, o autor enfatiza que os cristãos “podem até ter residência fixa, habitar na terra, mas não o faz como dono legítimo, ou

como pertencente àquela pátria, e sim como um estrangeiro”. Nesse sentido, observa-se que os primeiros cristãos tinham como principal objetivo de vida um caráter celestial, sem a preocupação de interferir politicamente no mundo.

O autor conclui que os cristãos são estrangeiros, peregrinos numa saída rumo à cidade celestial e apesar da cidadania celestial, não são separatista alienado, pois mesmo que se abstenham dos assuntos relacionados à política, não estão alheios no que se refere à boa conduta cristã, o que inclui as práticas sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Movimento dos irmãos no século XIX resgataram doutrinas que no âmbito sócio-político desempenharam a função de abstenção nos assuntos relativos à política. Nessa conjuntura, vem influenciando alguns grupos remanescentes do movimento, que se mantêm até hoje, ainda que pequeno. Em contrapartida, a Teologia do Pacto, cresceu a partir dos movimentos cristãos que, com base numa interpretação bíblica, entendem que é preciso cristianizar o mundo, além de estabelecer uma relação de domínio sobre os demais grupos.

A pesquisa trouxe resultados satisfatórios, pois a partir da exploração das interpretações bíblicas e das ideias teológicas contextualizadas com as perspectivas dos historiadores, tornou-se possível analisar os conceitos e observar a influência das doutrinas do Cristianismo na sociedade.

Embora seja necessário um maior aprofundamento na área para entender a fundo todas as questões. A abordagem esclareceu dúvidas sobre a influência da cristandade na política, pois embora o Estado seja Laico, nota-se claramente a força da cristandade no meio político. Nesse sentido, foi feito um estudo para entender de que forma as doutrinas cristãs exercem essa influência. Iniciou-se a partir das interpretações bíblicas, pois muitos cristãos, principalmente os dispensacionalistas, consideram que uma interpretação errada de algum texto bíblico ou de seus conceitos, poderá acarretar consequências irreparáveis. Nesse contexto, observou-se que as diferentes hermenêuticas sinalizam para as discussões concernentes às cruzadas, seja para justificar ou condenar as expedições realizadas pelos cruzados.

Ademais, observou-se que a história do Movimento dos irmãos de Plymouth no século XIX, teve sua relevância, porque não apenas resgatou conceitos esquecidos por séculos, mas influenciou muitos cristãos a olharem a partir de uma nova ótica cristã, no que implica na não interferência política, seja direta ou indireta. Assim, pode-se concluir que as diferentes interpretações bíblicas dividiram o mundo cristão em duas principais bases com consequências irreparáveis, pois o discurso político dos que seguem a teologia do Pacto acaba influenciando muitos cristãos seguidores das doutrinas dispensacionais.

Por fim, cabe ressaltar que, durante a pesquisa não foi encontrado nenhuma análise historiográfica ou sociológica que discute especificamente o tema, pois o mesmo tem um enfoque no campo teológico, contudo, a abordagem foi realizada justamente no intuito de compreender e discutir o comportamento desses grupos religiosos a partir das perspectivas

doutrinárias.

REFERÊNCIAS

- ANSTEY, Bruce. **Teologia do Pacto ou dispensações: Qual a maneira correta de se interpretar as Escrituras?** 2ª ed. Canadá: Christian Truth Publishing, 2017.
- BACCHIOCCHI, Samuele. **Arrebatamento Secreto: Fato ou Ficção?** Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/escatologia_reformada/arrebatamentosecreto_sa_muel.htm. Acesso: 11 mar. de 2023.
- BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- BLAINEY, Geoffrey. **Uma Breve História do Cristianismo**. Paraná: Editora Fundamento 2012.
- BRAKEMEIER, Gottfried. **Interpretação Evangélica da Bíblia a partir de Lutero**. Disponível em: Acesso: <https://www.luteranos.com.br/textos/interpretacao-evangelica-da-biblia-a-partir-de-lutero> . Acesso em: 30 jul. 2023.
- CONARD, Willian W. **O movimento dos irmãos: uma história inconclusa**. Vila Velha: Jabesmar Aguiar Guimarães, 2004.
- DOOLAR, Arnald. **História das Assembleias do Movimento de Irmãos: Um esboço histórico do movimento conhecido como "Irmãos"**. Disponível em: <https://www.irmaos.net/historia/>. Acesso em: 11 mar. 2023.
- DROLLINGER, Ralph. **Por Que Os Cristãos Devem Se Envolver Na Política?** 29 de Jun. 2021. Disponível em: <https://capmin.org/estudos-biblicos/por-que-os-cristaos-devem-se-envolver-na-politica/>. Acesso: 17 de Julho de 2023.
- EVANGELISTA, Lucas Gabriel. **O ofício do estado apresentado na declaração teológica de Barmen**. Monografia (Iniciação Científica em História) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru – São Paulo, 2020.
- FLORI, Jean. **Guerra Santa: Formação da Ideia de Cruzada no Ocidente**. 1ª ed. Tradução de Ivone Benedetti. Campinas: Ed. Unicamp, 2009.
- GENCIANO, Francisco. “Os Irmãos”, como foram chamados. As origens e os primeiros anos do movimento dos Irmãos Unidos no Brasil. São Paulo: **Revista Caminhando** v. 21, n. 1, p. 165-181, jan./jun. 2016.
- GONZALEZ, Justo L. **Uma História do Pensamento Cristão - da Reforma Protestante ao Século 20**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- GUIMARÃES, Jabesmar. **Os Irmãos**. 2023. Disponível em <https://www.irmaos.com/789-os-irmaos/>. Acesso em: 11 mar. 2023.
- HAYHOE, G.H. **A viagem de Paulo de Bons Portos até Malta**. 2015. Disponível em <https://manjarcelestial.blogspot.com/2015/04/a-viagem-de-paulo-de-bons-portos-ate.html> - Acesso em: 11 abr. 2023.
- LISBÔA, Gabriela Timm. **Meus Deus, Seu Deus. Uma análise do imaginário dos fiéis e o impacto sobre o diálogo inter-religioso entre grupos de judeus, cristãos e mulçumanos da cidade de São Paulo**. Monografia (Mestrado em Ciência da Religião) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 162, 2020.

MALHEIROS, Issac. **Cidadãos do céu atuantes na terra: os cristãos e os deveres sociais em Hebreus.**

Disponível em: https://www.faje.edu.br/simposio2017/arquivos/comunicacoes/nao_doutores/Isaac%20Malheiros%20Meira%20Junior.pdf. Acesso em: 22 set. 2023.

MENDES, Norma Musco; OTERO, Uiara Barros. **Religiões e as questões de cultura, identidade e poder no Império Romano.** Phíinix, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, 2005.

Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/phoenix/article/view/33327>. Acesso em: 22 set. 2023.

MILLER, Andrew. **“Os irmãos” (como são chamados).** Teresópolis: Casa Editora Evangélica, 1954.

PERSONA, Mario. **Por que você insiste que o cristão não deve se envolver com política?** Respondi.com, 2010. Disponível em: <https://www.respondi.com.br/2018/10/por-que-voce-insiste-que-o-cristao-nao.html>. Acesso em: 12 abr. 2023.

PERSONA, Mario. **O que é Teologia do Domínio?** Respondi.com, 2017. Disponível em:

<https://www.respondi.com.br/2005/06/o-que-teologia-do-domnio.html>. Acesso em: 21 jul. 2023.

PERSONA, Mario. **Por que protestantes e católicos criticam o dispensacionalismo?** Respondi. Com, 2017. Disponível em: <https://www.respondi.com.br/2017/03/por-que-protestantes-e-catolicos.html>. Acesso em: 22 de ago. 2023.

SANTOS, João Alves. **O Dispensacionalismom e suas implicações doutrinárias.** Monergismo, 2018.

Disponível em https://www.monergismo.com/textos/escatologia_reformada/imp-dispensacionalismo_joao-alves.pdf. Acesso em: 22 ago. 2023.

TOPEL, M. F. (1). **A Inusitada Incorporação Do Judaísmo Em Vertentes Cristãs Brasileiras: Algumas Reflexões.** Revista Brasileira De História Das Religiões, 4(10). <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v4i10.30382>

WILKINSON, Paul Richard. **Understanding Christian Zionism: Israel's Place in the Purposes of God: Charting Dispensationalism & the Role of John Nelson Darby.** 2013. Disponível em:

http://www.igrejaredencao.org.br/ibr/index.php?option=com_content&view=article&id=3952

: o-sionismo-cristao-e-o-papel-de-john-nelson-darby. Acesso em: 11 abr. 202